

UM IMPERADOR ESTOICO: O DOM PEDRO II DE HEITOR LYRA A STOIC EMPEROR: DOM PEDRO II FROM HEITOR LYRA

André Átila Fertig¹

Augusto Castanho da Maia Petter²

Resumo: Heitor Lyra foi diplomata e historiador. Tornou-se membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro após publicar a biografia do Imperador Dom Pedro II, intitulada *História de Dom Pedro II* (1825-1891). Lyra pode ser caracterizado como um nostálgico da Monarquia brasileira, essa atribuição deriva da sua forma de narrar a vida do Imperador, bem como suas considerações acerca do Segundo Reinado, que também possuem um forte caráter de exaltação. Dentre as diversas biografias escritas sobre Dom Pedro II, o trabalho de Lyra tem sua importância, tanto pelo período em que publicou quanto pela monumentalidade de sua obra, com três extensos volumes. Sua escrita remete a de uma história política tradicional, de gabinetes, porém, a emoção da narrativa literária também está presente. Assim, compreender a imagem que Dom Pedro II e que seu reinado transmitiam nos escritos de Heitor Lyra significa desvendar uma tendência historiográfica presente no panorama historiográfico brasileiro até o século XX, quem sabe até hoje, e que construiu uma versão elogiosa da história do Império do Brasil e, por consequência, do último monarca do brasileiro.

Palavras Chave: Biografia, Dom Pedro II, Heitor Lyra, Império do Brasil.

Abstract: Heitor Lyra was a diplomat and historian. He became member of Brazilian Historic and Geographic Institute after publishing his work, titled *History of Dom Pedro II* (1825-1891). Lyra can be characterized as a Brazilian Monarchy nostalgic. this assignment derives from his way of narrating the life of the Emperor, as well as his consideration made about the period of the Second Kingdon, which also have a strong character of exaltation. Among many biographies written about Dom Pedro II, Lyra's work has its importance both because of the period of publication and the monumentality of his work, composed by three extensive volumes. His narrative refers to traditional political history, to offices, however, the literary emotional narrative also presents. So, understanding the image that Dom Pedro II and his reign conveyed in the writings of Heitor Lyra means unravel a historiographical trend which stayed till twentieth century, perhaps even till nowadays, and that built a complimentary version of the Brazilian Empire's history and, consequently, of the last Brazilian monarch.

Keywords: Biography, Dom Pedro II, Heitor Lyra, Brazilian Empire.

INTRODUÇÃO

Heitor Pereira de Lyra nasceu no Recife no ano de 1893. Em 1916 ingressou na Secretaria de Estado das Relações Exteriores. Ao iniciar seus trabalhos na secretaria, Lyra ousou logo lotar-se na Seção do Arquivo, isso se deu devido aos resquícios de ser um jovem

¹ Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM.

² Graduado em História - Bacharelado e Licenciatura pela Universidade Federal de Santa Maria/UFSM.

que sempre cultivou “o amor pelo passado, o respeito pela tradição, a curiosidade pelos fatos da nossa História.”³

No exterior, durante sua vida diplomática na Europa, Lyra manteve amizade com o neto de Dom Pedro II, o Príncipe Dom Pedro de Alcântara. O que colaborou muito para o crescimento de sua euforia com as pesquisas sobre o imperador. Com o passar do tempo, entre seus diálogos e pensamentos, Lyra foi percebendo que ainda havia, como ele próprio disse, a vacância de uma “obra séria, consistente, que abordasse como um todo o estadista e o homem; um tal livro permitiria a avaliação da presença de um e outro em mais de meio século de história nacional.”⁴. Quando como diplomata, Lyra partiria:

(...) para o seu primeiro posto diplomático, já secretário, de Legação, Heitor Lyra não viajaria escoteiro. Levava em sua bagagem fartos cadernos de notas, além de proveitosa experiência no trato da historiografia e da investigação histórica. Achava-se então todo voltado para os fatos do Segundo Reinado e vivamente interessado em destacar o comportamento do imperador em relação aos acontecimentos políticos que mais fundamente marcaram aquele longo período de nossa vida institucional.⁵

Tendo uma carreira diplomática carregada, Lyra atuou em diversas cidades importantes do Ocidente. Porém, sua preferência era pela cidade de Lisboa. Essa “Lisboa” que, como diz Alexandre Eulalio, “havia sido posto sempre muito grato ao escritor, e em Lisboa havia decidido ele fixar-se após deixar a carreira. Assim realmente o fez, vivendo nesta cidade os últimos quinze anos dele.”⁶ Em 1958, quando Heitor Lyra saiu do Vaticano, onde foi sua última experiência como embaixador ativo, passou a residir na cidade de Lisboa em uma “bela e moderna casa da Avenida das Descobertas nº 14, magnífico museu-arquivo, biblioteca de coisas e fatos da vida do Brasil e do estrangeiro, de após primeira e segunda guerras mundiais.”⁷

No parecer acerca da sua admissão no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro o relator Basilio de Magalhães disse que a extensa obra sobre Dom Pedro II “foi lucubrada

³ LYRA, Heitor. Minha vida diplomática (Coisas vistas e ouvidas I) 1916-1925, p. 71.

⁴ EULALIO, Alexandre. O Ofício de Escrever de Heitor Lyra. IN: LYRA, Heitor. *A História de Dom Pedro II*. Vol I. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977. 2 v. P.III.

⁵ OLIVEIRA, A. Camilo de. Sócios falecidos: embaixador Heitor Lyra. Rio de Janeiro, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (RIHGB)*, v. 299, abril/junho de 1973, p. 322.

⁶ Ibid.

⁷ VALLADÃO, Haroldo. Elogio aos sócios falecidos. IN: Rio de Janeiro, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (RIHGB)*, v. 301, outubro/dezembro de 1973. p. 136.

quase todo no Velho Mundo, quando o seu ilustre autor, desempenhando várias funções da sua carreira patriótica em diversos pontos da Europa”, conseguiu, entre suas atribuições diplomáticas, em 1931 e 1932, acessar os arquivos no castelo d’Eu, na França e também os arquivos dos ministérios de Negócios Estrangeiros da França e da monarquia austro-húngara.⁸

Heitor Lyra faleceu em Lisboa, subitamente, no dia 19 de abril de 1973, as vésperas de completar 80 anos. Segundo Haroldo Valladão, Heitor Lyra,

Genuíno historiador, foi um pesquisador inveterado, de arquivo para arquivo, do Brasil para o estrangeiro, dos nossos Itamarati e Instituto Histórico aos da família imperial no castelo d’Eu, na França, Ministério dos Negócios Estrangeiros da França e da Áustria, Conde de Gobineau, na França, Papa Leão XIII, em Perúgia na Itália, etc.⁹

Muitas biografias e relatos foram escritos sobre Dom Pedro II já desde o período imperial, mesmo quando o segundo imperador do Brasil ainda achava-se no trono.¹⁰ O interesse pela imagem do imperador - e não apenas do imperador do Brasil, mas do *ser imperador* - é algo frequente na história, principalmente na história marcada pelo nacionalismo. Esse nacionalismo atingiu proporções extremas, quando tornou-se a principal forma do contato do ser humano com o *absoluto*, no século XX.¹¹ Mesmo com Heitor Lyra não fazendo referência acerca da política nacional do Brasil do período em que estava a produzi-lá, não podemos desconsiderar seu apelo nostálgico como uma forma de pensamento nacionalista. Porém, ao invés de justificar na sua narrativa os atos do presente, como se tornou costume na visão dos historiadores a partir do século XVIII, Lyra procurou enaltecer uma identidade monárquica do Brasil.¹² Utilizando desses artifícios, o autor escreveu uma biografia de uma forma inovadora para o período.¹³ Seu trabalho foi o de contextualizar os

⁸ TEUXEIRA FILHO, Henrique Carneiro Leão. IN: Rio de Janeiro, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (RIHGB)*, v. 185, outubro/dezembro de 1973. p. 320. Os respectivos nomes dos arquivos ministeriais são *Quai d’Orzay*, na França e *Staatsarchiv*, na Áustria.

⁹ VALLADÃO, Haroldo. Elogio aos sócios falecidos. IN: Rio de Janeiro, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (RIHGB)*, v. 301, outubro/dezembro de 1973. p. 136.

¹⁰ Trabalhos que vão desde *O Imperador no Exílio* (1894) de Afonso Celso e *O Sr. Dom Pedro II* (1896) de Silvio Tullio, até obras mais recentes, como *As Barbas do Imperador* (1999) de Lília Mortiz Schwarcz e *Dom Pedro II* (2007) de José Murilo de Carvalho. Entre muitas outras.

¹¹ Ver TODOROV, Tzvetan. *A Beleza Salvará o Mundo*. São Paulo: DIFEL, 2011.

¹² KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

¹³ A primeira edição foi escrita entre 1938 e 1940. Neste período as grandes obras “historiografia brasileira” eram de autores renomados como Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Junior e Gilberto Freyre. Nos padrões do IHGB, Lyra se enquadrava, pois tinha uma vida pública e uma carreira dignas de sua admissão. No ramo biográfico, nesse período, não houve uma contribuição de mesma monumentalidade do que a trilogia

eventos da história imperial com a dos eventos da vida do imperador. Dessa forma, podemos enquadrá-lo na classificação denominada por Ricardo Salles como um “nostálgico do império”, ficando evidente a elevação do imperador Dom Pedro II ao pedestal heroico das grandes figuras da nação brasileira imperial, a importância da pessoa e do período para a História do Brasil.¹⁴

A primeira edição da obra biográfica foi publicada a partir de 1938 e teve sua segunda e muito mais ampla edição em 1973. Até o momento da segunda edição, muitos documentos foram encontrados sobre o período imperial e sobre o próprio imperador, bem como apareceram diversas publicações que vieram a acrescentar o conhecimento tanto sobre o período imperial, quanto sobre o imperador. Entretanto, Lyra escrevia em 1968 que sua obra continuava sendo a mais completa e mais extensa que até então havia sido publicada sobre o Imperador.¹⁵

A presente obra, aqui analisada – que corresponde aos três volumes de *História de Dom Pedro II (1825–1891)* em sua segunda edição – foi por Lyra dedicada em memória de seu pai, Antônio Alves Pereira de Lyra (1857-1926), que fora político no período imperial quanto do republicano. No momento de sua dedicatória, Lyra remete que seu pai influenciou na sua preferência pela monarquia, e que, “na companhia do qual aprendi, desde a infância a respeitar e a fazer justiça a Dom Pedro II”.¹⁶

O D. PEDRO II NA PERSPECTIVA DE LYRA

Primeiramente, devemos ressaltar, que a obra biográfica produzida por Lyra pode ser caracterizada como uma produção nos moldes da história tradicional.¹⁷ O próprio sumário da obra já é marcado por uma característica totalmente tradicional, dividindo a história através dos principais fatos e eventos, considerados relevantes para Lyra, acerca do desenrolar do período em que viveu Dom Pedro II. Na sequência, encontramos uma cronologia dos fatos

escrita por Heitor Lyra sobre o Dom Pedro (e seu reinado), com tanta minúcia e pesquisa realizada, em que se pode encontrar fontes das mais diversas e um caminho de pesquisa tão extenso.

¹⁴ SALLES, Ricardo. *Nostalgia Imperial: a formação da identidade nacional no Brasil do Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

¹⁵ LYRA, Heitor. *História de Dom Pedro II (1825–1891): Ascensão (1825–1870)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977. v. 1. p. XI do Prefácio.

¹⁶ *Ibid.* p. 1.

¹⁷ BURKE, Peter. *A Escrita da História*. São Paulo, UNESP, 1992. A categoria narrativa correspondente a História Tradicional, na concepção de Burke, possui as seguintes características: uma história elitista, formada por eventos (evento-factual), feitos idealizados de grandes heróis e grandes batalhas.

ocorridos, que concebe o tempo histórico a partir da sequência de gabinetes do período imperial. Mas é, principalmente, durante o decorrer do texto, que encontramos as grandes características da história tradicional. Ele se forma por meio de diversas divisões, que, por sua vez, correspondem ao teor dos curtos e inúmeros capítulos e, estes últimos – que compõem o texto da obra em si -, transmitidos em uma linguagem altamente carregada de teor político, fazendo com que, o leitor, que não possua erudição acerca da política imperial, provavelmente tenha dificuldade em entender a história que se está narrando. Além disso, do ponto de vista de se tratar de uma biografia, tal aspecto faz com que, conseqüentemente, em grande parte da obra, a vida do imperador se torne algo de interesse *aparentemente* secundário em relação ao contexto que o rodeava.

No capítulo XIV, intitulado “Conciliação IV”, Heitor Lyra, ao falar sobre a jovialidade dos estadistas do Império, fazia a interessante afirmação sobre o período focado pela biografia:

O Século XIX tinha as suas características próprias, a sua cor, a sua mentalidade, os seus atributos. A Revolução Francesa, em 1789, o separará dos anos que lhe tinham ficado atrás, qual um largo e intransponível fosso divisório, como a Grande Guerra, em 1914, o iria isolar dos que lhe viriam depois. O Século XIX estava, assim, enquadrado e isolado em sua própria época, com os seus atributos próprios, que eram austeridade, as boas maneiras, o tom grave e sisudo, a *respectability*; e a mocidade desse tempo, produto da época, dava a todos o exemplo desse ideal de discrição.¹⁸

A narrativa de Lyra, usualmente, exagerava nos valores e nas imagens que foram construídas acerca da instituição monárquica. Suas palavras poderiam ser postas da mesma forma à pena por um Edmund Burke, num momento deste ao referir-se sobre o Império Britânico do século XVIII. Ao mesmo tempo que esta nostalgia da monarquia imperava na visão de mundo de Lyra, ele era contundente nas críticas a falta de pesquisa histórica pelos “outros historiadores” – os quais considerava meros compiladores -, dizendo que ele mesmo não aceitava erros considerados comuns, pela *falta de vontade* de elaborar uma pesquisa grandiosa, como foi considerada a sua obra, na época:

¹⁸ LYRA, Heitor. *História de Dom Pedro II (1825–1891): Ascensão (1825–1870)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977. v. 1. p. 185.

De fato, não se consultam as fontes originais. Não se investiga o passado, nem se procura a inteligência dos fatos históricos. Há uma preguiça mental em estudar por conta própria. Repetem-se, digamos, copiam-se, simplesmente os erros e as heresias dos outros. Disso, podem-se culpar até os nossos maiores historiadores.¹⁹

Dessa forma, “autêntica” do fazer historiográfico pelo historiador, a obra biográfica produzida por Lyra, foi, juntamente com Mary Wilhelmine Willians²⁰ e Pedro Calmon²¹, uma cria dessa “nova e mais erudita escola de História na década de 1930”, os historiadores que se dedicaram a escrever biografias sobre o imperador e que tiveram suas obras “baseadas em fontes em arquivo e que visavam avaliar o caráter e as realizações do imperador.” Conforme Roderick Barman, Lyra foi um dos primeiros a biografar D. Pedro e se valer de extensa pesquisa empírica:

O pioneiro foi um jovem diplomata brasileiro, Heitor Lyra, que publicou sínteses da biografia de sua autoria sob a forma de artigos de jornal em 1934, 1935 e 1936. Esses extratos, que se basearam em documentos guardados no Château d’Eu, despertaram grande interesse público e foram utilizados pelos outros dois historiadores em seus estudos sobre o imperador.. Os três volumes de Heitor Lyra sobre D. Pedro II foram finalmente publicados em 1938, 1939 e 1940, respectivamente.²²

Segundo ainda Barman, quando em 1930 Lyra iniciou seus trabalhos acerca da história do imperador, fora “inspirado e auxiliado por seu chefe, o embaixador Carlos Magalhães de Azeredo, que havia publicado no início da década de 1920 um estudo muito elogiado sobre o caráter de D. Pedro II”.²³

Quanto ao caráter da narrativa de Lyra, percebemos algo que é inerente a representação que qualquer historiador produz sobre o homem no passado, já que tal narrativa

¹⁹ LYRA, Heitor. *História de Dom Pedro II (1825–1891): Ascensão (1825–1870)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977. v. 1. p. 185.

²⁰ Professora de História de Goucher College, publicou uma biografia de Dom Pedro II em 1937, em inglês.

²¹ Pedro Calmon Moniz de Bittencourt. Publicou sua biografia de Dom Pedro II em 1938, *O Rei Filósofo*. Para uma apreciação inicial da obra de Calmon ver: FERTIG, André e THESING, Neandro Vieira. *O Rei Servo da Nação: a imagem de D. Pedro II na obra de Pedro Calmon*. *Estudios Históricos*, Año VI, n. 13, Diciembre 2014.

²² BARMAN, Roderick J. *Imperador Cidadão*. São Paulo: Editora Unesp, 2012. p. 575.

²³ BARMAN, Roderick J. *Imperador Cidadão*. São Paulo: Editora Unesp, 2012. P. 575. Na nota de rodapé nº. 15 Barman diz que a influência confessa por Lyra está em *História*, v. I, p. 15. Sobre Magalhães de Azeredo, Barman revela *Dom Pedro II*, o principal objeto da influência.

contém, de acordo com Reinhart Koselleck, tanto o seu caráter *ficcional* como o *factual*. Principalmente, quando se trata, de narrativas de eventos e ações individuais no campo da história política, a ficção do factual é bastante perceptível pelo leitor. Essa é uma das questões que, como afirmamos, se referem ao caráter epistêmico da escrita da história que, conforme Koselleck:

o conteúdo factual estabelecido *ex post* aos eventos investigados nunca é idêntico à totalidade das circunstâncias passadas, supostamente tomadas como reais naquele momento. Todo evento investigado e representado historicamente nutre-se da ficção do factual, mas a realidade propriamente dita já não pode mais ser apreendida. Com isso não se quer dizer que o evento histórico seja estabelecido sem cuidado ou de maneira arbitrária, uma vez que o controle das fontes assegura a exclusão daquilo que não deve ser dito. Mas esse mesmo controle não prescreve aquilo que pode ser dito. Pode-se considerar que o historiador, de um ponto de vista negativo, está sujeitado pelos testemunhos da realidade passada. Por outro lado, de um modo positivo, quando interpreta um evento a partir das fontes, ele se aproxima daquele narrador literário que se submete à ficção contida nos fatos para tornar mais verossímil a sua narrativa.²⁴

Neste sentido, muitas vezes o historiador se vale de uma narrativa que, para sensibilizar o leitor, se arma de artifícios literários como o uso excessivo de adjetivos e a tentativa de transportar o leitor, simbolicamente, ao cenário dos acontecimentos históricos que estão sendo narrados. Por exemplo, quando abordou o Golpe Republicano, Lyra narra que “a noite estava escura. No céu corriam nuvens baixas. De vez em quando brilhava uma estrela. No fundo do horizonte, para o lado da terra, desenhava-se o contorno negro das montanhas da costa... A Imperatriz soluçava baixinho”. Mais adiante acrescentava:

Tudo era quieto. Do *Alagoas*, que já ia longe, nem mais um sinal. O manto escuro da noite tudo encobria. No céu pardacento continuavam a galopar nuvens baixas. De vez em quando, através de um rasgão mais largo, reluziam estrelas, essas eternas e silenciosas testemunhas de todas as tragédias humanas.²⁵

²⁴ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006. p. 141.

²⁵ LYRA, HEITOR. *História de Dom Pedro II (1825–1891): Declínio (1880–1891)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977c. vol. 3 p. 117.

Em outro trecho da obra, Lyra narrava assim a morte do Imperador:

A cabeceira do leito modesto em que jazia, confinado no quarto de um hotel de segunda ordem, e exilado em terra estranha – ele, que possuiria, no Brasil, para viver, quatro palácios! – magro, o corpo estendido, as barbas muito brancas espantadas sobre largo peito, velavam sua querida Isabel, Gaston de Orléans, os netos Pedro Augusto e Pedro de Alcântara e alguns poucos fiéis, chorando em silêncio o findar daquela grande e nobre vida.

À noite, por volta das 10 horas, ele ainda teve um momento de consciência. Justamente quando o cura da Igreja da Madalena lhe administrava a extrema-unção. Mas logo depois caía novamente em prostração. A respiração fazia-se cada vez mais imperceptível. O pulso mais fraco. Inconciênte, tinha a cabeça branca pendida sobre o ombro esquerdo. Os olhos semi-cerrados, apagavam-se. Até que silenciosamente, suavemente, sem nenhuma contração, ele rendia, no silêncio daquela triste madrugada de inverno, sua grande alma ao Criador.²⁶

O capítulo termina com a transcrição do epitáfio do Imperador e com uma foto da saída de seu corpo da Igreja para o carro funerário. Por se tratar de uma biografia nostálgica da monarquia, a elevação do Imperador em um pedestal de sujeitos históricos é recorrente ao longo de todo o texto. O acesso que Lyra teve a documentos da família imperial provavelmente não seriam concedidos a alguém que não tratasse muito bem o personagem histórico Dom Pedro II:

Com vinte e quatro anos apenas de idade e nove de governo efetivo (se se pode chamar *governo seu* os sete anos de aprendizagem com Aureliano), ele dá a prova de que não será no trono uma mera figura de proa, um boneco acaso manejado por Ministros ou Conselheiros, mas um verdadeiro Chefe-de-Estado, Rei que reina e governa. Nisso é que estava a revelação.²⁷

²⁶ LYRA, HEITOR. *História de Dom Pedro II (1825–1891): Declínio (1880–1891)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977c. vol. 3 p. 165.

²⁷ LYRA, HEITOR. *História de Dom Pedro II (1825–1891): Ascensão (1825–1870)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977c. vol. 1 p. 159.

A personalidade de Dom Pedro II também foi ressaltada como algo que intervinha de maneira contundente e decisiva da história do Brasil do segundo reinado. Vejamos o que afirma Lyra sobre o Imperador em relação a política externa no Prata:

O Imperador, por princípio, era partidário da paz. Nada de violência – era a sua divisa. Com ela governará durante cinqüenta anos uma **Nação de insubordinados. Com relação à política externa, seus propósitos pacíficos e conciliadores eram ainda mais decididos.** (grifo nosso) (...) Dom Pedro achava que o Brasil se bastava a si próprio. Prestígio no continente não lhe faltava. Nós eramos de fato a primeira Nação da América Latina. E extensão territorial tínhamos de sobra.²⁸

Segundo Lyra, entre os grandes – e poucos – nomes de nossa história que possuíam espaço no imaginário popular, estava certamente a figura de Dom Pedro II. Sua imagem era a de um governante sábio, benevolente, austero e honesto, em certa medida, oposto a seu pai, Dom Pedro I, impulsivo e dado a aventuras amorosas. Este privilégio – o de fazer parte da galeria de personagens populares de nossa história – talvez só possa ser comparado àquele gozado por nomes como Tiradentes e Getúlio Vargas.²⁹

Até mesmo como estratégia discursiva, Lyra constrói um D. Pedro II que é o oposto do pai, D. Pedro I. Dom Pedro I foi considerado por Lyra um “português medíocre, sem grandes virtudes e sem grandes defeitos”. Sobrara até mesmo para Carlota Joaquina, que fora chamada por Lyra de “espanhola de mau caráter”. Pedro I foi revelado como alguém de humor “contraditório”, que “era capaz dos maiores egoísmos e das mais largas generosidades.”. “O próprio Imperador-rapaz inspirava bem mais confiança do que o pai. Sua índole, sua educação e suas maneiras eram inteiramente outras.”³⁰

Esta representação de Lyra coincide com a análise mais recente de Lilia Schwarcz que, preocupada com a dimensão simbólica do poder de D. Pedro II, principalmente ao focar os símbolos e rituais como alicerce de poder no Império do Brasil, salientou a produção de uma imagem de D. Pedro II maduro precocemente, um sujeito preocupado com os estudos, um

²⁸ LYRA, Heitor. *História de Dom Pedro II (1825–1891): Ascensão (1825–1870)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977c. vol. 1 p. 160 [o grifo é nosso].

²⁹ SALLES, Ricardo. *Nostalgia Imperial: a formação da identidade nacional no Brasil do Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996. p. 199.

³⁰ LYRA, Heitor. *História de Dom Pedro II (1825–1891): Ascensão (1825–1870)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977. v. 1. p. 109.

menino culto que é rei desde jovem. Ou seja, tratava-se de representar um D. Pedro II em oposição ao pai, D. Pedro I.³¹

Além de educado, Lyra enfatizou-se os ensinamentos cristãos recebidos pelo jovem monarca. Segundo Lyra, o primeiro contato de educação do imperador menino foi Dona Mariana, chamada pelo autor de o “verdadeiro anjo protetor, quem primeiro lhe abriria o espírito para este mundo e lhe incutiria os princípios da moral cristã, que tão larga e profundamente deviam prevalecer, depois, na formação do caráter do homem.”³²

Esta característica de ser um rei culto será enfatizada por Lyra ao longo da obra. Além de destacar a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) por D. Pedro II, Lyra observava que o monarca possuía “uma curiosidade insaciável de saber” e “lia de tudo”, desde História Política e Religiosa, Filosofia, Geografia, Medicina, Direito, Antropologia, Geologia, Astronomia, Ciências Físicas e Naturais, Literatura, História da Arte, sendo Tucídides seu historiador preferido.³³ Além de culto, Lyra enfocou o gosto do Imperador em viajar pelo mundo e pelo Brasil. Há um subtítulo da obra destinado a narrar às viagens realizadas. P. 171 e 172. “Sendo um espírito curioso e indagador, era natural que tivesse esse amor pelas viagens, que tanto o mais o seduziam quanto mais longas eram elas.” (...) “Gobienau, que seria mais tarde, em 1877, seu companheiro de viagem a Rússia, refere-se um pouco decepcionado a essa pressa do Imperador, que ‘queria ver de tudo, de preferência a ver qualquer coisa’.”³⁴

Por outro lado, em relação a vida pessoal e principalmente amorosa, Lyra forja um personagem discreto, de moral elevada, e que, em nada, lembra a atribulada vida privada do pai. Na relação com as mulheres, de acordo com Lyra, D. Pedro II, “Se, todavia, nutria algum sentimento mais íntimo por qualquer senhora da sociedade ou do mundo político do Império, como se mexericava à boca pequena, devia tê-lo feito de uma forma tão rigorosamente discreta, que até esse traço do seu feitio moral, longe de o desabonar, só pode dignificar-lhe ainda mais o caráter.” Acerca da relação com a Condessa de Barral, Lyra afirmou o seguinte: “Mas tudo não passava então de suspeitas, e só posteriormente, com a publicação das cartas deles é que se teria certeza das verdadeiras relações que os ligaram durante tantos anos”. Mas

³¹ SCHWARCZ, Lília M. *As barbas do Imperador*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 57-64.

³² LYRA, _____. *História de Dom Pedro II (1825–1891): Fastígio (1870–1880)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977c. vol. 2, p. 46.

³³ LYRA, _____. *História de Dom Pedro II (1825–1891): Fastígio (1870–1880)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977c. vol. 2, p. 99.

³⁴ LYRA, _____. *História de Dom Pedro II (1825–1891): Fastígio (1870–1880)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977c. vol. 2, p. 171-172.

ela não teve influências em sua vida política. Ou seja, para o autor, mesmo tendo tido casos extraconjugais, isto em nada interferia na atuação política do monarca.³⁵

Sendo assim, D. Pedro II foi praticamente santificado durante a obra, tendo seus bons atributos, até os atributos físicos, sempre lembrados e revelados. Desde seu nascimento todos “o fitavam com a mais profunda esperança. Todos lhe queriam bem.” Na sua juventude, Lyra referiu-se ao Imperador como a “cabecinha loura”. Pedro II era “tímido por natureza”, a questão da escravidão foi um exemplo de que, mesmo favorável a abolição, sua preocupação com a integridade nacional era grande, pois “o Imperador pensava duas vezes antes de dar um passo definitivo no sentido de prestigiar, com a sua grande autoridade, a campanha que se operava lá fora em prol da abolição total.”³⁶

Sobre os costumes do Império, a vida cotidiana na Corte e a mentalidade palaciana, Lyra fez questão de enfatizar a simplicidade, talvez buscando uma diferenciação da velha educação do velho mundo. As características desse reino tropical, que simples, se faziam forjar pessoas igualmente simples e de moral pura. “O Paço de São Cristóvão estava longe de ser o fausto das velhas Cortes européias”.³⁷ Pelo contrário, “tudo ali se passava com muita simplicidade” era um “ambiente de uma singeleza quase familiar.” O Paço de São Cristóvão e seus arredores era um lugar onde a principal ocupação no cotidiano “era receber ou retribuir a visita de amigos ou de parentes.”³⁸ Era nesse meio austero, pela simplicidade e pureza dos costumes, que o Imperador rapaz forjava sua mentalidade, moldava a sua moral e fundia, no exemplo diário de seus mestres e dos estadistas que o cercavam, aquelas fortes virtudes de que saberia mais tarde dar exemplo as várias gerações de brasileiros.

Pedro II na concepção de Lyra era, sem dúvida, “um homem desprovido de vaidade e gostava da simplicidade”, e “quando vinha à cidade nesses dias de gala, era cercado de um aparato complicado, numa carruagem que estaria melhor num museu e que o espírito do século, sobretudo de um país como o Brasil, já não compreendia.”³⁹ Assim, Lyra caracterizou

³⁵ LYRA, *História de Dom Pedro II (1825–1891): Fastígio (1870–1880)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977c. vol. 2, p. 46-47. Sobre a relação D. Pedro com a Condessa de Barral ver, por exemplo: DEL PRIORE, Mary. *Condessa de Barral: a paixão do Imperador*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

³⁶ _____. *História de Dom Pedro II (1825–1891): Declínio (1880–1891)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977c. vol. 3, p. 12.

³⁷ _____. *História de Dom Pedro II (1825–1891): Fastígio (1870–1880)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977c. vol. 2, p. 60.

³⁸ _____. *História de Dom Pedro II (1825–1891): Fastígio (1870–1880)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977c. vol. 2, p. 63.

³⁹ _____. *História de Dom Pedro II (1825–1891): Fastígio (1870–1880)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977c. vol. 2, p. 65.

o Imperador como um “estoico”⁴⁰ e fez questão de enfatizar seus atributos emocionais, como quando soube da queda da monarquia a “calma absoluta de seu rosto, a compostura de suas atitudes e a firmeza da voz emprestavam-lhe, naquele momento dramático, um respeito ainda maior do que nos dias mais prestigiosos do Reinado”⁴¹. Ainda ao abordar o contexto da proclamação da República e o exílio, Lyra caracteriza um Imperador solitário que, estando velho, já havia perdido o afeto das pessoas mais próximas e dos entes queridos, seja por morte ou simplesmente por afastamento. Entre as perdas que Lyra ressalta, em tom de traidores, pessoas que juraram fidelidade a monarquia e estão se colocando do lado republicano:

A generosidade do seu coração não o deixava, apesar de tudo, proferir uma palavra mais severa de acusação aos que tão depressa lhe haviam voltado às costas. É que ele sabia praticar a filosofia de Renan, para quem toda a criatura humana devia ser tida por boa e tratada com benevolência. Não estava em seu feitio ser áspero para com quem quer que fosse, se não houvesse um motivo realmente severo para tanto. Partia do pressuposto que todo o homem, em regra geral, era um homem de bem. Só uma vez manifestaria, e assim mesmo ao seu próprio íntimo, a profunda decepção que lhe ia na alma; seria nestes versos cheios de um verdadeiro sentimento de dor: Não maldigo o rigor da minha sorte, Por mais atroz que fosse e sem piedade, Arrancando-me o trono e a majestade; Quando a dois passos só estou da morte. A roda da fortuna não tem norte; Conheço-lhe inconstante variedade. Que hoje nos da continua felicidade; E amanhã nenhum bem que nos conforte; Mas a dor que excrucia e que maltrata, A dor cruel que o ânimo deplora, Que fere o coração e quase mata, É ver na mão cuspir à extrema hora; A mesma boca, adulatora e ingrata, Que tantos beijos nela deu outrora. Na sua bondade, - essa bondade de que nos fala Tolstoi, que consiste em dar aos outros mais do que se costuma receber – longe de maldizer os infiéis, ele procurava ainda atenuar-lhe as faltas.⁴²

Ao tratar da vida de D. Pedro após o seu reinado, Lyra atribui ao monarca uma imensa vontade de voltar ao Brasil, até mesmo para reinar novamente. Descreveu um Dom Pedro II

⁴⁰ Aí, Lyra não foi precursor. Também, Afonso Celso Já havia proclamado o estoicismo do imperador: “Entre os antigos chamar-lhe-iam um estoico; nas épocas de fé viva, um santo talvez; para mim, a denominação – um justo – o define e resume nesta quadra de interesse e egoísmo.” CELSO, Afonso. *Vultos e factos*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Domindos de Magalhães Editor, 1896 [1892]. p. 138.

⁴¹ LYRA, Heitor. *História de Dom Pedro II (1825–1891): Declínio (1880–1891)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977. v. 3. p. 111.

⁴² LYRA, Heitor. *História de Dom Pedro II (1825–1891): Declínio (1880–1891)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977. v. 3. p. 159.

preocupado com a política do Brasil e seu futuro e que amava o Brasil, visto que, até mesmo em seu leito de morte havia guardado um pouco da terra do país para ser enterrada junto a ele. Todavia, na percepção de Lyra, as desilusões e a distancia da nação que tanto amava tinha lhe afetado emocional e fisicamente: “No outro dia, 2 de dezembro, era o seu aniversário natalício. Fazia ele 66 anos, mas dava a todos a impressão de ser um homem mais velho.”⁴³

Outra característica que salientamos da historiografia produzida por Lyra era o seu carácter nacionalista. Inclusive quando abordou o conflito diplomático do Império do Brasil com a Inglaterra, a explicação vinculava-se a demonstrar a diferença dos povos. Sobre o diplomata inglês Christie Lyra disse o seguinte: “Faltou-lhe sobretudo serenidade. Era um homem que não tinha, como o geral dos ingleses, o dom de refletir maduramente sobre os assuntos, de deixa-los dormir, para que o tempo se encarregasse de cortar-lhes as arestas e os pontos de maior atrito. A máxima inglesa, *wait and see*, espere e observe, não pertencia certamente ao currículo diplomático de Christie.”⁴⁴

Segundo Lyra, nesse espírito nacionalista, D. Pedro II não atuava sozinho, mas era cercado “na obra de consolidar a nossa nacionalidade em formação, por uma brilhante coleção de homens públicos, sem dúvida a mais completa que já nos foi dado possuir. Nunca se vira, nem se veria depois no Brasil, como pelo senso da medida, pelo amor à causa pública, pelo desinteresse pessoal, pela rigidez de costumes, pela austeridade de suas vidas privadas”, homens como, por exemplo, Gonçalves de Magalhães, José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Carlos Gomes.”⁴⁵

Vejamos como mais uma vez, na escrita da história de Lyra, os protagonistas do processo histórico, construtores da suposta boa imagem do Brasil no exterior, são os grandes homens e o Imperador:

Firmávamos do exterior, um conceito que jamais tivéramos. A estabilidade das nossas instituições, sua natureza conservadora, a paz interna, a justa nomeada dos nossos estadistas, o requinte da nossa sociedade e, sobretudo, a personalidade inconfundível, frisante, respeitável em todos os sentidos de Dom Pedro II, tudo concorria para

⁴³ Ibid. p. 164.

⁴⁴ LYRA, Heitor. *História de Dom Pedro II (1825–1891): Ascensão (1825–1870)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977c. v. 1. p. 207.

⁴⁵ _____. *História de Dom Pedro II (1825–1891): Fastígio (1870–1880)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977c, v. 2, p. 24.

emprestar-nos lá fora uma reputação que, exceção dos Estados Unidos da América, nenhum outro país da América era dado a gozar.⁴⁶

Evento importante a estimular o sentimento nacional nos oitocentos foi a Guerra do Paraguai. Na mesma medida, historiadores nostálgicos do Império como Heitor Lyra destacaram tal evento como exemplo do caráter patriótico de nosso monarca e da própria população: “a guerra duraria ainda cinco anos, cinco anos de pesados sacrifícios para todos, e que ficariam, nos anais da história militar do Brasil, como os melhores atestados do patriotismo, do espírito de sacrifício e do heroísmo do nosso povo.”⁴⁷

Acompanhado desse discurso nacionalista, Lyra, na maior parte da biografia, concebe uma história política enquanto relato de eventos, ação de grandes homens - como políticos, militares e intelectuais -, e sucessão dos gabinetes do Império. Os primeiros anos do Segundo Reinado, para Lyra, corresponderam ao período entre 1840 e 1847, desde a maioridade até a data da criação da Presidência do Conselho de Ministros e correspondeu ao período de aprendizagem política do monarca.

Mais adiante, de acordo com Lyra, D. Pedro era um rei que, “mesmo sem desejo de mando”, atuava na política e nos destinos do Império, tendo “pleno exercício de suas funções soberanas”, agindo, conforme a necessidade, como um senhor todo-poderoso e quase absoluto de um dos mais extensos Impérios da terra.” Para Lyra, D. Pedro, nesses primeiros conturbados anos de reinado, teve tudo para se tornar um soberano conspirador e demagogo, devido a toda essa instabilidade política, mas sua índole se mostrou mais forte que isso. Lyra destacou a importância de Aureliano Coutinho como principal conselheiro do Imperador nos primeiros anos de reinado. Sendo ao “mesmo tempo, professor político, uma espécie de guia, de mentor, na direção geral do País, que lhe abria o espírito para as coisas do governo e da administração pública, que lhe dirigia até certo ponto os passos, sem chegar, contudo, a anulá-lo ou substituí-lo no governo de fato da Nação. Mas longe de ser tido como um válido, que o manjasse por trás do reposteiro, como quer Oliveira Lima, que, por isso, o equiparara a Lorde Bote, na Inglaterra, ao tempo de Jorge III, foi Aureliano, segundo Lyra, que iniciou “o jovem Monarca no verdadeiro sentimento de Rei constitucional.”⁴⁸

⁴⁶ _____. *História de Dom Pedro II (1825–1891): Fastígio (1870–1880)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977c., v. 2, p. 09.

⁴⁷ LYRA, Heitor. *História de Dom Pedro II (1825–1891): Ascensão (1825–1870)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977c. vol. 1, p. 239.

⁴⁸ LYRA, Heitor. *História de Dom Pedro II (1825–1891): Ascensão (1825–1870)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977c. vol. 1, p. 96.

Então inicia-se a extensa e detalhada história política imperial de gabinetes escrita por Heitor Lyra ao longo de toda a obra. “Essa intromissão da gente do Paço na formação dos Gabinetes, à força de repetir-se, como escândalo público e clamor nos meios políticos, acabou por levar o Imperador a decidir-se pelo que, desde algum tempo, era já um anseio de alguns de nossos homens públicos: a criação de uma Presidência do Conselho de Ministros:

o que marcou, sobretudo, na história do Reinado, a criação de uma Presidência do Conselho, foi o fim do professorado de Aureliano e o afastamento de Paulo Barbosa da Monarquia Imperial. O Imperador se libertava assim dos entraves que lhe cercavam e lhe tolhiam os atos. De agora em diante, ele passava a ser, em todos os sentidos, o Imperador.⁴⁹

Em relação a uma das questões sociais mais importantes do Brasil do século XIX, a escravidão, Lyra retratou um monarca que, interferindo na política, se preocupava em encaminhar a abolição. Situou o interesse de D. Pedro pelo tema desde os primeiros anos de reinado e mais apropriadamente durante a Guerra do Paraguai que o monarca teria considerado “a possibilidade de libertar o ventre da mulher escrava”, assim como ele fora influenciado pela Guerra Civil Norte-Americana.⁵⁰

No terceiro volume da obra em análise, Lyra intitula um capítulo de “Os demolidores do Império”, uma alusão ao país que estaria demolido junto com sua instituição política. Usualmente elogioso à monarquia, ele narrou a tomada de poder pelos republicanos em 15 de novembro de 1889, expressando certo sentimento de rancor em relação aos militares:

Estava, portando, instituída a República no Brasil, depois que um golpe de meia dúzia de capitães e tenentes do Exército, tendo à frente um general impetuoso e zangado, e outra meia dúzia de civis audaciosos, haviam posto por terra um império que nos havia dado quase meio século de ordem interna, de prosperidade e de liberdade pública. E o Monarca que nos governara durante esse largo tempo, já velho, alquebrado e por assim dizer as portas da morte, era mandado para a Europa e para o Exílio. Na capital do País o povo, pelas ruas,

⁴⁹ LYRA, Heitor. *História de Dom Pedro II (1825–1891): Ascensão (1825–1870)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977c. vol. 1. p. 239.

⁵⁰ LYRA, Heitor. *História de Dom Pedro II (1825–1891): Fastígio (1870–1880)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977c, v. 2, p. 162-163.

repetia uma quadrinha: *Saiu Dom Pedro Segundo; Para o Reino de Lisboa; Acabou-se a Monarquia; E o Brasil Ficou À toa.*⁵¹

CONCLUSÃO

Heitor Lyra, relativamente alheio à política nos anos das publicações da primeira e segunda edição de sua obra, dedicou-se mais precipuamente a sua carreira diplomática. Também porque ele foi, para além de um diplomata, um adorador da história e da erudição, o que era muito típico na primeira metade do século XX, ou seja, a atuação de diletantes intelectuais na escrita da história que, imersos em livros e documentos históricos, contribuíam para a produção do conhecimento histórico e, muitas vezes, também atuavam na instituição principal, à época, a produzir tal conhecimento, ou seja, os Institutos Históricos e Geográficos.

Heitor Lyra, como biógrafo e nostálgico da monarquia, fez parte de uma tendência historiográfica, atuante nas primeiras décadas do século XX, responsável por escrever sobre a História do Brasil com ênfase em recuperar o Império do Brasil como o período de apogeu da construção da nação brasileira. Essa tendência historiográfica nostálgica da monarquia é perceptível em diversas biografias de D. Pedro II, como já foi neste artigo citado. No caso do historiador aqui focado, podemos concluir que Lyra construiu uma narrativa apologética e apaixonada da história de D. Pedro II e de seu Reinado. Na perspectiva de Lyra, a narrativa da vida de um *sujeito político*, e nesse caso, de um monarca, foi escrita para narrar algo “maior”, representar um *ser político* conjuntural: o “saudoso” Império brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARMAN, Roderick J. 2012. *Imperador Cidadão*. São Paulo: Editora Unesp. ISBN 9788539301799.

BURKE, Peter. 1992. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp. ISBN 9788571390270.

CELSO, Afonso. 1896. *Vultos e factos*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Domindos de Magalhães Editor. ISBN 9781145966062.

⁵¹ LYRA, Heitor. *História de Dom Pedro II (1825–1891): Declínio (1880–1891)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977. v. 3. p. 119-120

DEL PRIORE, Mary. 2008. *Condessa de Barral: a paixão do Imperador*. Rio de Janeiro: Objetiva. ISBN 9788573029239.

DOSSE, François. 2009. *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Edusp. ISBN 9788531411816.

FERTIG, André; THESING, Neandro Vieira. “O Rei Servo da Nação: a imagem de D. Pedro II na obra de Pedro Calmon.” 2008. *Estudios Historicos*, Año VI, n. 13, Diciembre de 2014.

KOSELLECK, Reinhart. 2006. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio. ISBN 988585910839.

LORIGA, Sabina. 1998. “A biografia como problema”. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas. p. 225-249. ISBN 9788522502554.

LIRA, Augusto Tavares de, 1872-1958 et al. Pareceres acerca da admissão de Heitor Lyra como sócio honorário. *RIHGB*, v. 189, p. 152, out./dez. 1945.

LYRA, Heitor. 1977c. *História de Dom Pedro II (1825–1891): Ascensão (1825–1870)*. vol. 1. Belo Horizonte: Itatiaia. ISBN 9788531903571.

_____. 1977c. *História de Dom Pedro II (1825–1891): Fastígio (1870–1880)*. vol. 2. Belo Horizonte: Itatiaia. ISBN 9788531903571.

_____. 1977c. *História de Dom Pedro II (1825–1891): Declínio (1880–1891)*. vol. 3. Belo Horizonte: Itatiaia. ISBN 9788531903571.

_____. 1972. *Minha vida diplomática (Coisas vistas e ouvidas I) 1916-1925*. Brasília: Unb. ISBN s/n.

MAGALHÃES, Basílio de, 1874-1957, rel. Pareceres acerca da admissão de Heitor Lyra como sócio honorário. *RIHGB*, v. 185, p. 319-340, out./dez. 1944.

OLIVEIRA, Antônio Camillo de, 1892-1982. Embaixador Heitor Lyra : falecimento. *RIHGB*, v. 299, p. 321-322, abr./jun. 1973.

PINHO, Wanderley, 1890-1967. Justificação de requerimento: parecer acerca da "História de D. Pedro II", de Heitor Lyra. *RIHGB*, v. 185, p. 326-340, out./dez. 1944.

BITTENCOURT, Feijó. Ata da assembléia geral, em 21 de outubro de 1944, eleição de sócios grande benemérito, efetivos e honorários. In: *RIHGB*, v. 185, p. 302, out./dez. 1944.

_____. 5ª ata da assembléia geral realizada em 9 de Julho de 1945. In: *RIHGB*, v. 189, p. 152, out./dez. 1945.

SALLES, Ricardo. 1996. *Nostalgia Imperial: a formação da identidade nacional no Brasil do Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Topbooks. ISBN 978856116627.

VALLADÃO, Haroldo. Elogio dos sócios falecidos. *RIHGB*, v. 301, p. 128-141, out./dez. 1973.

Artículo recibido: 14 de abril

Aprobado: junio 2016

Publicado: julio 2016